

Do sentido sensível ao sentido significado: motricidade humana, corporeidade e o sabor da cultura corporal do movimento

Eduardo Okuhara Arruda¹

Resumo: A presente discussão teve como centralidade a cultura corporal do movimento, especificidade da Educação Física, enquanto expressão simbólica e linguagem, portanto, como expressão de uma produção social e cultural produzida historicamente pelo ser humano em diferentes dimensões espaço-temporais. O ser humano na sua condição de ser prático e criador, ser de imaginação e linguagem, produziu a cultura corporal, como as danças, jogos, lutas, ginásticas, esportes e as práticas corporais de aventura. A cultura corporal do movimento não se restringe a esse empreendimento reflexivo de modo cartesiano, empírico, como uma expressão motora apenas, mas como expressão corpórea e simbólica do ser humano e que tem sua gênese na condição do *ser-motricio*, condição originária do humano, isto é, uma existência marcada pela motricidade, um se movimentar para a sua realização existencial. O objetivo dessa análise teórica foi compreender a cultura corporal do movimento como objeto de conhecimento da Educação Física que a partir das experiências sensíveis experimentadas nas aulas e diferentes formas de intervenção social pode se desdobrar em novos campos de sentido significado na educação de seus participantes. Por fim, a partir das discussões aqui apresentadas, cabe a Educação Física, compreender a cultura corporal como experimentação, apropriação e fruição (sentido sensível), mas também como sentido significado, isto é, reflexão sobre a ação, análise e compreensão da cultura corporal do movimento.

Palavras Chave: Cultura corporal do movimento, Motricidade Humana e corporeidade.

Abstract: The present paper is centered in the culture of body motion, a Physical Education specificity, as a symbolic expression and language, therefore expression of social and cultural production historically created by human beings in different time-space dimensions. Humans, using praxis and creativity, imagination and language, produced corporal culture, such as dance, games, wrestle, gymnastics, sports and adventure body practices. The culture of body motion is not Cartesian and experientially restricted in this reflexive enterprise to mere motor expression. It is the corporeal and symbolic expression of the human being, with its genesis in the human movable native condition, that is, an existence marked by motricity, by moving to achieve existential realization. The objective of this theoretical analysis is to understand the culture of body emotion as an object of knowledge of Physical Education, which from sensitive experiences lived in classes and in different kinds of social intervention may unfold into new meanings in the education of their participants. Finally, from the discussions presented here, Physical Education is responsible for understanding body culture as experimentation, appropriation and fruition (sensible sense), but also as meaning sense, that is, reflection about the action, analysis and understanding of the culture of body motion.

Keywords: Culture of body motion, Human motricity and Corporeality.

¹ Docente do curso de Educação Física e Pedagogia da UMESp e da Uniitalo. Mestre em Educação Física pela UNIMEP e Doutor em Educação pela UMESp.

Iniciando a conversa...

A lógica cartesiana tem servido historicamente de sustentação epistemológica para a interpretação do movimento humano, bem como para orientar os processos educativos. Na busca de uma nova perspectiva para compreender o movimento humano propomos a Motricidade.

Nesse percurso teórico há duas questões que mais importam tratar como ponto de partida para nossas reflexões. A primeira diz respeito à racionalidade cartesiana como marco da lógica da modernidade e, assim, a desvalorização do sensível na compreensão do ser humano.

O segundo aspecto é a visão empírico-positivista que considera a ciência experimental como referencial científico, legitimando, portanto, o que é mensurável e observável, tendo como foco a objetividade em detrimento da subjetividade. Se por um lado a racionalidade não considera o sensível, a visão positivista não leva em conta a subjetividade humana.

O resultado dessa equação é uma visão racional e “objetiva” da realidade humana, gerando um paradigma mecanicista, portanto, de causa e efeito, linear e, sobretudo, a ideia de corpo-máquina, que a partir de um estímulo gera uma resposta, certa ou errada, ou mesmo uma educação que se desdobra num processo mecânico e fechado.

Esse paradigma mecanicista ainda está presente na educação de forma geral, e na Educação Física particularmente esse paradigma dá forte ênfase aos aspectos fisiológicos e metabólicos, que, a despeito da sua contribuição, não dão conta de compreender o ser humano em ação, isto é, o ser humano que se movimenta na sua integralidade, de modo que o gesto se constitui como linguagem, expressão do seu si mesmo criativo, bem como expressão social, cultural, histórica e política.

A ideia de corpo-próprio, fundamento da corporeidade, permite a compreensão de uma realidade intencional do sujeito, o que se contrapõe à lógica do corpo-máquina ou corpo-objeto, a fim de superar a concepção que coloca o corpo como inferior ao racional, uma vez que há sentido nessa intencionalidade, não apenas enquanto significação, mas sentidos mais amplos que nos ligam a nossa condição ontológica como um todo. Assim, a corporeidade não se circunscreve ao conhecimento biológico, a processos fisiológicos apenas, mas abrange sentidos, um conhecimento encarnado, existencializado. (NÓBREGA, 2010).

Para o mundo fenomenológico os dados empíricos não revelam quem é esse ser humano em ação, sua intencionalidade, sua narrativa histórica e, por fim, seu projeto ontológico. A Educação Física empírico-cartesiana, não leva em conta o ser humano na sua historicidade; esse desenraizamento lança o corpo numa dimensão de corpo máquina, dessubjetivado, produtor de resultados biológicos, objetivos, mas não considera a possibilidade do corpo integrar em sua vida a cultura corporal do movimento e seus sentidos simbólicos, filosóficos, valorativos e, com isso, gerar uma condição existencial mais positiva, isto é, com uma subjetividade que lhe confira uma vida com mais plenitude e possibilidades existenciais para além da dimensão objetiva, produzir funcionalidades.

Dessa forma, o corpo que se apropria² da cultura corporal do movimento é precisamente o corpo que inclui no movimento de si experiências vividas para compor e recompor o seu si-mesmo, sua subjetividade, seu modo próprio de ser e estar no

² Na fenomenologia a expressão apropriação não significa tomar posse, mas para designar a ideia de tornar próprio, incluir no movimento de si mesmo, integrar a sua subjetividade, no seu modo próprio de ser e estar no mundo.

mundo e se desenvolver como na sua totalidade humana, social, cultural, política e, em especial, ecológica.

Historicamente a modernidade é marcada pela racionalidade em detrimento da superação de uma visão mítica do mundo, assim a razão passa a ser orientadora do comportamento humano na esfera social, do trabalho e, ainda, na ciência, fundamento de uma filosofia racionalista, onde o sentir, isto é, o sensível passa a ser relegado a um psicologismo ou mesmo algo não científico ou aceito na esfera educativa.

Na sua gênese, a Educação Física orientou-se por uma concepção cartesiana do corpo tendo suas perspectivas didático-pedagógicas para o movimento como meio e fim, assumindo, dessa forma, uma visão empírico-desenvolvimentista, onde o foco é a funcionalidade motora.

Tal perspectiva implica em uma Educação Física que, embora considere o sentido sensível, desvincula-se do sentido significado, em termos didáticos, pois o movimento ou a cultura corporal do movimento está dissociada do campo das significações não sendo didaticamente desenvolvida em termos conceituais, como análise e compreensão, com as considerações relativas ao seu enraizamento histórico-social, uma cultura corporal dotada de um sistema simbólico, rede de significados e, ainda, de suas representações culturais e de identidade, perspectivas defendidas na Educação Física pelas propostas críticas com fundo teórico do materialismo histórico, e mais recentemente as teorias pós-críticas do multiculturalismo.

Essa didática centrada no aspecto da funcionalidade motora, em que pese sua contribuição para um desenvolvimento corporal, limita as possibilidades educativas e respectivamente o alcance da esfera do pensar e do sentir, esferas que devem ser consideradas no processo educativo, onde o agir é centro das orientações pedagógicas, implicando, assim, numa Educação Física que se organiza para ensinar habilidades funcionais, técnicas da cultura corporal do movimento e, por consequência, o desempenho das habilidades motoras torna-se o objetivo central das aulas e não a educação do sujeito como um todo.

Do sentido sensível para o sentido significado: Educação Física e a cultura corporal do movimento

A Educação Física escolar, sob a orientação da BNCC constitui-se como componente curricular que tem como conhecimento as práticas corporais em suas diferentes formas de significação social compreendidas, portanto, como expressões do patrimônio cultural da humanidade. Nessa direção, o movimento humano está sempre inserido no campo da cultura e não se restringe a uma lógica empírica onde o movimento é apenas deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Assim, a cultura corporal do movimento representam textos culturais passíveis de uma leitura e de uma produção social, histórica e cultural (BRASIL, 2017).

Esse modo de entender a Educação Física permite articulá-la à área de Linguagens, resguardadas as singularidades de cada um dos seus componentes, conforme reafirmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (BRASIL, 2017, p. 173)

Enquanto linguagem a Educação Física escolar tem como especificidade, a cultura corporal do movimento que emerge como uma alternativa de perspectiva

pedagógica. No entanto, muito embora sejamos alvos de críticas, entendemos que a cultura corporal do movimento, na sua abrangência, não é apenas conhecimento específico ou objeto de investigação epistemológica da Educação Física escolar, mas da Educação Física na sua totalidade. De todo modo, nossa proposta objetiva transcender uma Educação Física que restringe seu campo de conhecimento aos esportes historicamente hegemônicos nos currículos de Educação Física e, ainda, a dimensão desses conteúdos à funcionalidade motora. A cultura corporal do movimento interessa-se por abranger várias dimensões dos seus conteúdos e também preocupa-se com o enraizamento histórico, com as representações socioculturais, valores, tradições, ensinamentos éticos e educação, aquisição de uma mudança existencial a partir das diferentes manifestações corporais que constituem o campo de conhecimento da Educação Física.

A partir de uma preocupação com o que se deve ensinar na Educação Física, surgiu a proposta de cultura corporal do movimento, representando uma perspectiva que fundamentaria a intervenção pedagógica do professor. O que se estuda na área são os conteúdos propostos historicamente no Brasil, valorizando as diferenças regionais, os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas e a Capoeira. (DARIDO; RANGEL, 2005, p.28)

No que se refere ao aspecto da linguagem na Educação Física, compete-nos compreender que a linguagem permite uma transespacialidade e uma transtemporalidade da cultura corporal do movimento. Pelo distanciamento é possível acessar os diferentes momentos históricos e lugares onde existem diferentes jogos, danças, lutas, esportes e ginásticas e outras formas motrícias de ser e estar no mundo.

Para que se compreenda a perspectiva da cultura corporal do movimento faz-se necessário, a priori, compreender que tal perspectiva pressupõe um reposicionamento da Educação Física, visto que a concepção da cultura corporal do movimento fundamenta-se num sentido antropológico de cultura, portanto, todo humano produz cultura em um tempo e espaço situados.

O ser humano, historicamente, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura que se faz e está inserida num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto social, à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os. A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo; neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção. Nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores, por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social concebe (BRASIL, 1997).

Dentre as produções culturais, algumas foram incorporadas pela Educação Física escolar em seus conteúdos, o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas. Esses têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica. (BRASIL, 1997).

A cultura de movimento é compreendida como critério organizador do conhecimento da Educação Física. Diante da relevância desse conceito para a área, buscamos ampliar as reflexões no que se refere às relações entre corpo, natureza e cultura, por meio de aproximações epistemológicas entre estudos que problematizam as oposições inconciliáveis na leitura desses fenômenos (MENDES; NÓBREGA, 2009)

É justamente através dos gestos que somos capazes de comunicar símbolos, constituindo, portanto, a linguagem corporal. A condição de possuímos espacialidade e temporalidade próprias, cada corpo vai se apropriando de percepções com base no seu mundo específico (MENDES; NÓBREGA, 2009).

A cultura é constituída pelo conjunto de textos produzidos pelo ser humano, não apenas construções da linguagem verbal, mas também mitos, rituais, gestos, ritmos, jogos, entre outros. Os textos da cultura são considerados, também, sistemas comunicativos que obedecem às regras e normas preconizadas pela cultura vigente. O que não impede de culturas diferentes se comunicarem. A cultura é o macrossistema comunicativo que perpassa todas as manifestações e como tal deve ser compreendido para que se possam compreender assim as manifestações culturais individualizadas (BAITELLO JÚNIOR, 1997, p.18).

A cultura de movimento, ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história. Um conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do seu corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais.

Com relação à significação dessas práticas corporais, percebemos que possuem significados originais de acordo com o local em que foram produzidas, podendo mudar conforme o novo contexto e a interpretação das pessoas que a vivenciam ou apreciam. Nesse sentido, o simbolismo das técnicas corporais varia conforme a educação, as diferentes experiências vividas e as trocas culturais. Em determinado local, uma atitude corporal pode ser permitida e em outro pode ser proibida, como ressalta Mauss (1974 apud MENDES; NÓBREGA, 2009, p.4)

Os jogos, as danças, os esportes, as lutas ou as ginásticas são criações que surgem da necessidade de perpetuar o seu criador, que morre, mas ao mesmo tempo consegue sobreviver por meio desses acervos, desafiando e vencendo a própria morte e os limites que a vida impõe. Essas criações são recriadas por meio de novas descobertas, de novas interpretações dos indivíduos e das sociedades e são transmitidas por gerações, por diferentes grupos e épocas. Elas possuem normas específicas e independentes, mas podem se alastrar pelas diversas sociedades, permitindo as trocas culturais. (MENDES; NÓBREGA, 2009, p.5)

Compreender a cultura de movimento a partir do entrelaçamento entre corpo, natureza e cultura também pode contribuir para que os alunos tenham acesso a manifestações culturais de outros contextos sociais, com possibilidades de se estabelecer reflexões sobre as diversidades culturais, sobre as aproximações e as diferenças com suas realidades e a possibilidade de trocas culturais, contribuindo com a comunicação entre os sujeitos de várias localidades do mundo. (MENDES; NÓBREGA, 2009)

A cultura corporal do movimento é aqui defendida como linguagem sensível para apreciação, para a contemplação da beleza da motricidade, para a fruição do

movimento e, assim, para o sabor da ação cinestésica, o corpo em movimento. (NÓBREGA, 2010)

Nesse sentido, buscamos uma aproximação com a antropologia dos sentidos de Le Breton a fim de ampliar a discussão entre sentido sensível e das experiências perceptivas como forma de saborear a cultura corporal do movimento. Para o autor, o corpo:

...é profusão de sentidos. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os sentidos. Entre a carne do humano e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente. O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo (LE BRETON, 2016, p. 11)

É justamente na existência que imprimimos sentidos (NÓBREGA 2010). A experiência vivida é fundamental para o conhecimento; o que sei do mundo, sei pelo vivido. O ser humano está atado ao mundo no qual a nossa relação com o mundo se dá na ação, no movimento. A estesia pode proporcionar uma relação mais afetiva e humanizada.

Vale ressaltar que a lógica cartesiana não considera o corpo, o afeto e a linguagem como dispositivos essenciais a nossa existência, uma vez que “são organizadores da nossa condição humana, de nosso encantamento sensorial e histórico, na infinita tarefa de imprimir sentidos aos acontecimentos” (NÓBREGA, 2010, p. 87).

Para a autora a linguagem sensível contempla a beleza, a poesia, bem como as ambiguidades da própria linguagem corporal e, ainda, busca novas possibilidades de compreender o mundo para além da lógica cartesiana.

É preciso que ela seja poesia, isto é, que desperte e reconvoque por inteiro puro poder de expressar para além das coisas já ditas ou vistas. (...) Experiência estética como dimensão do sensível. O que fundamenta a experiência estética, é a comunicação dos sentidos (NÓBREGA, 2010, p. 89)

Desse modo, vale refletir que o senso do belo passa necessariamente pela articulação do da percepção como interpretação dos sentidos proporcionados pelos jogos expressivos da corporeidade em sua dimensão existencial, afetiva, social e histórica. Portanto, a percepção, pode ser compreendida, a partir das análises aqui apresentadas como instrumento de apreensão e interpretação (NÓBREGA, 2010).

Experiência perceptiva como campo de conhecimento, investido de plasticidade, beleza das formas textuais, sabores, odores, cores e sons. (...). “A experiência estética amplia a operação expressiva do corpo e a percepção, afinando sentidos, aguçando a sensibilidade, elaborando a linguagem, a expressão e a comunicação” (NOBREGA, 2010, p. 93)

Ademais, cabe-nos salientar que no mundo humano, mundo da linguagem, as coisas só assumem sua condição de realidade na medida em que dão entrada no registro da linguagem.

Mas, se as percepções sensoriais estão em vínculo estreito com a língua, elas a superam igualmente pela dificuldade de traduzir em palavras um ressentido: o gosto de um licor, o prazer de uma carícia, um odor, uma sensação dolorosa exigem muitas vezes, por exemplo, o recurso de uma metáfora, às comparações. Elas obrigam o indivíduo a um esforço de imaginação, a entrar criativamente em uma linguagem que sofre para traduzir a fineza do ressentido. Resta um invólucro irredutível à língua em cada sensação provada. Se o sistema perceptivo é estreitamente ligado a linguagem, ele não lhe é completamente subordinado (LE BRETON, 2106, p. 31).

São justamente os jogos de linguagem que permitem o conceito dos sabores, das cores, dos sons, etc. e, assim, impulsionam e refinam a sensibilidade da criança e instauram sua vocação de intercambiar seus ressentidos no meio (LE BRETON, 2016).

A linguagem se coloca como tema central em nossa discussão, uma vez que engloba invariavelmente uma condição essencialmente humana e fundamental para que o ser humano faça uso de uma rede complexa de símbolos, significações e sentidos que são culturalmente constituídos nos processos de interação, comunicação, pensamento e subjetividade, pois o sentido da linguagem é o alcance do outro, pois “na origem de toda a existência humana, o outro é a condição do sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido” (LE BRETON, 2016, p. 32).

Para a fenomenologia o mundo vivido é anterior a teorização, mas é também o ponto de partida para as teorizações, o ato de refletir. A fenomenologia coloca a experiência vivida como referência para qualquer sistematização teórica, a fenomenologia rompe com o postulado epistemológico da modernidade, o racionalismo (NÓBREGA, 2010).

Entretanto, a partir das análises aqui apresentadas de fundo fenomenológico, embora reconheçamos que o mundo vivido é o mundo originário que antecede as conceituações, o sentido das experiências expresso em palavras e conceitos se coloca como atitude fundamental para abrir novos horizontes de compreensão acerca das experiências vividas, do sentido sensível, para que assim possamos reconstruir sentidos no campo das subjetividades, educar, trocar experiências e produzir novas possibilidades de conhecimento e, dessa forma, compreender a cultura corporal do movimento como sentido sensível e sentido significado, como sabor e saber.

Finalizando essa conversa...

Em que pesem as limitações das provocações aqui apresentadas, para que possamos avançar nas análises acerca da Educação Física na sua totalidade, infere-se, a partir das reflexões aqui enunciadas que a Educação Física, como campo de conhecimento que estuda o ser humano em ação na sua integralidade, para além do corpóreo-sensível, permite construir significações e sentidos que contribuam para os estudantes nos seus diferentes níveis de ensino, bem como para o seu desenvolvimento como um todo, isto é, biopsicossocial, cultural, político e ecológico.

O paradigma biológico não leva em consideração que a lógica do se exercitar, embora promova alterações corporais, continua reproduzindo uma concepção narcisista e higienista, pois não leva em conta que a existência humana está implicada num contexto social, cultural, político, historicamente constituído e, desse modo, tal existência ainda continua sendo afetada pelos padrões sociais, por ideologias,

preconceitos, diferentes formas de violência, pela desigualdade social, pelos processos de exclusão e, desse modo, enquanto componente curricular e campo de conhecimento multidisciplinar, a Educação Física precisa de forma emergente abrir-se para novas possibilidades filosóficas e epistemológicas.

Referências

- BAITELLO JUNIOR, N. Síndrome da máquina. In: CASTRO, G. et al. (orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, p. 115 – 121, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2017.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na escola: Implicações para uma prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.
- NÓBREGA, T. P. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: Reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Revista Pensar a prática**, v. 12, n. 2, p. 1-7, 2009. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6135/5361>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

Recebido para publicação em 22-08-18; aceito em 25-09-18